



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARIA CLEANI DA SILVA COSTA

**Formação de professores em EJA: a importância do docente para a
permanência dos alunos nos ambientes escolares**

RIO DE JANEIRO

2018

MARIA CLEANI DA SILVA COSTA

**Formação de professores em EJA: a importância do docente para a
permanência dos alunos nos ambientes escolares**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ como requisito parcial para a obtenção do Diploma de Graduação.

Orientadora: Prof^ª Dra. Ana Paula de Abreu Costa de Moura

Rio de Janeiro

2018

MARIA CLEANI DA SILVA COSTA

**Formação de professores em EJA: a importância do docente para a
permanência dos alunos nos ambientes escolares**

Monografia apresentada à banca
examinadora da Universidade Federal do
Rio de Janeiro – UFRJ/Faculdade de
Educação, para a obtenção do título de
Pedagoga.

Orientadora: Prof^a Dra. Ana Paula de
Abreu Costa de Moura

Conceito/nota: _____ aprovada em ___/___/___

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dra. Ana Paula de Abreu Costa de Moura
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a Dra. Irene Giambiagi
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Jussara Bueno de Queiroz Paschoalino
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Esta monografia é dedicada a meus pais Irismar e Luis por todo empenho e dedicação para meu aprendizado. E aos três homens de minha vida: Luis Filipe, Carlos Eduardo e Alexandre, por todo apoio e compreensão durante essa jornada marcada por dúvidas, certezas, tristezas e alegrias, sentimentos que me marcaram e me transformaram no que sou.

AGRADECIMENTOS

Se há cinco anos me dissessem que viveria tudo isso que vivi, talvez não acreditasse e duvidasse da possibilidade de tanto crescimento, não apenas profissional, mas também pessoal. Fecho esse ciclo de formação e aprendizado com a certeza de que nada foi em vão e que viveria tudo novamente se me fosse permitido. Inicio esse agradecimento primeiramente a Deus, por ter me proporcionado vivenciar e aproveitar todas as oportunidades de aprendizado que a Minerva me ofereceu, e também por ter sido abençoada com a possibilidade de estudar em uma das melhores universidades do Brasil.

Em seguida, agradeço a minha família, meu pai Luis e minha mãe Irismar que, apesar de analfabetos, sempre me incentivaram a estudar e chegar até aqui. A meu irmão Valdeir e a minha irmã e comadre Cris Neri, que sempre me ajudam e incentivam cotidianamente e a todos os familiares que de alguma maneira também torceram por minhas conquistas. Agradeço a meu esposo Alexandre pelo companheirismo e compreensão nas dúvidas e inseguranças, e a meus dois príncipes Luis Filipe e Carlos Eduardo pelas vezes que necessitei deixá-los para realizar algum compromisso da faculdade.

Agradeço as minhas companheiras e amigas presentes da UFRJ, Lana e Lucília, pela amizade e parceria durante essa jornada e a todos os outros amigos que fiz nessa caminhada, que não teria como citar aqui.

Agradeço a minha orientadora Ana Paula de Abreu e Moura e a todos os professores que tive a grata possibilidade de conhecer e com eles aprender.

Finalizo agradecendo por todo aprendizado.

GRATIDÃO À VIDA!!!

RESUMO

A presente monografia teve como objetivo compreender como os docentes influenciam ou não na permanência de seus alunos nas classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Levaram-se em consideração as diversas dificuldades enfrentadas por esses docentes, sejam elas a falta de formação adequada ou especificidades que a própria modalidade oferece. Dessa forma, trouxemos para o texto a experiência vivida como alfabetizadora na Extensão Universitária. Buscamos compreender através de entrevista semiestruturada com docentes atuantes da modalidade, participantes do Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica - CESPEB da UFRJ, suas experiências e vivências para uma prática pedagógica que ofereça a seus alunos uma EJA pensada de maneira a dialogar diretamente com as especificidades encontradas nas salas de aula. Trouxemos para esta monografia contribuição de teóricos como Barreto e Barreto (2005), Di Pierro e Galvão (2007), Freire (2016), Soares (2008), entre outros, que colaboram com os estudos na formação de professores para EJA. Assim, compreendemos que o docente não é o único responsável pela permanência ou exclusão de seus educandos e que os mesmos necessitam encontrar alicerces para produzir práticas pedagógicas incentivadoras e construtoras de sujeitos autônomos, que pensem e reflitam sobre seu cotidiano.

Palavras-chave: Formação Docente, Educação de Jovens e Adultos, Extensão Universitária, Prática Educativa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO...	08
CAPÍTULO 1	
Quem são os sujeitos da EJA	12
CAPÍTULO 2	
Formação de professores para EJA (um pouco das leis e dos estudos da área)	20
2.1- Contribuições de Freire para a formação do educador de jovens e adultos	28
CAPÍTULO 3	
O papel do professor da EJA na permanência de seus alunos nas classes escolares	
.....	32
3.1- Entrevistas com docentes da EJA	37
3.2- Os docentes	42
Considerações Finais	45
Referências Bibliográficas	47
Anexo	51

Introdução

O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria, se aprende é com os humildes.

Cora Coralina

Quando descobri a Educação de Jovens e Adultos, confesso que foi amor à primeira vista. Entendi o porquê escolhi a pedagogia e os reais motivos que me motivavam a trilhar os caminhos da educação. Foi através dessa experiência que tive a necessidade de compreender como os professores chegam às turmas da EJA. A partir disso, surgiram inúmeras indagações: Como são preparados? Estão ali por escolha própria? O que os motiva a trabalhar na EJA? Será que a formação na graduação influencia diretamente no perfil do professor que vai para a sala da EJA ou será que muitos que ali estão nem passaram por essa formação?

Essas perguntas me inquietaram ao longo de minha graduação, após os primeiros contatos com a EJA. Durante a minha graduação, a extensão universitária foi uma grande experiência e me proporcionou uma oportunidade única de observar e vivenciar o quanto os alunos jovens e adultos depositam sua confiança e esperança nos ensinamentos dos alfabetizadores. Em virtude dessa vivência, hoje realizo essa pesquisa procurando entender: como os professores da rede municipal do RJ chegam às turmas da EJA; seu perfil profissional; suas dificuldades; como são incentivados e se possuem uma formação continuada. Para isso utilizo uma postura investigativa que me proporcione respostas para todos os questionamentos que venho carregando durante toda minha vida, não apenas acadêmica, mas em vivências particulares.

Quando pensamos na Educação de Jovens e Adultos, nos remetemos a vários paradigmas que necessitam de um olhar mais específico. Percebe-se nas escolas a dificuldade de muitos professores em trabalhar em turmas de jovens e adultos - seja quando o trabalho vai de encontro às especificidades culturais, sociais e etárias dos alunos, seja pela falta de formação adequada do docente ou de incentivo para a sua formação permanente. Entramos em um universo que nos revela uma boniteza de saberes e particularidades, que emocionam e nos convidam a um mergulho em nós mesmos. Afinal, alfabetizar adultos é significativamente diferente de alfabetizar crianças. O adulto

já traz para dentro da sala de aula uma visão de mundo construída a partir do saber de experiência feito (FREIRE, 2001), enquanto as crianças estão começando a construir percepções sobre o mundo.

Analisar o quanto é importante e necessária a figura do professor para esses alunos não é uma tarefa nem sempre cômoda. Trata-se de algo muito particular e específico para esses profissionais. E é preciso compreender os possíveis problemas que esses docentes enfrentam em suas trajetórias profissionais, como também entender que os mesmos necessitam de um olhar de incentivo. Afinal, trabalhar com adultos não é tarefa fácil, pois envolve não apenas trabalho pedagógico, mas acima de tudo um trabalho essencialmente humano.

Os sujeitos da EJA, quando retornam para a sala de aula, muitas vezes precisam ser estimulados a se integrar e continuar sua formação escolar, sua luta pela aprendizagem. Muitos apresentam baixa autoestima, não acreditando que são inteligentes e construtores de conhecimentos nos seus fazeres cotidianos. Em suas falas, alguns chegam a verbalizar que não se consideram gente, nem parte da sociedade.

Assim, o trabalho com a EJA, como já alertado pelo parecer CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica) nº11/2000, implica na:

... exigência de uma formação específica para a EJA, a fim de que se resguarde o sentido primeiro do termo *adequação* (reiterado neste inciso) como um colocar-se em consonância com os termos de uma relação. No caso, trata-se de uma formação em vista de uma relação pedagógica com sujeitos, trabalhadores ou não, com marcadas experiências vitais que não podem ser ignoradas. E esta adequação tem como finalidade, dado o acesso à EJA, a *permanência na escola* via ensino com conteúdos trabalhados de modo diferenciado com métodos e tempos intencionados ao perfil deste estudante. Também o tratamento didático dos conteúdos e das práticas não pode se ausentar nem da especificidade da EJA e nem do caráter multidisciplinar e interdisciplinar dos componentes curriculares (BRASIL, 2000, p.58).

Refletir sobre o tratamento didático dos conteúdos e das práticas, nos remete inevitavelmente para a questão da profissionalização qualificada para receber os alunos jovens e adultos. Por isso, nessa monografia, escolhi pesquisar sobre o papel do professor na vida dos alunos da EJA, destacando sua formação docente e dificuldades enfrentadas nas salas.

Acredito que podemos produzir mais subsídios para melhorar a formação desses profissionais que, na maioria das vezes, assumem turmas da EJA só para completar carga horária. Muitos nem sabem das especificidades dessa modalidade de ensino, suas atribuições e a necessidade de formação continuada. Isso nos leva a registrar quais tipos de recursos vêm sendo utilizados para que os alunos que procuram a EJA continuem frequentando às aulas com qualidade. Além disso, buscamos compreender os motivos que levam jovens e adultos a frequentarem à escola.

Deve-se colocar a Educação de Jovens e Adultos não apenas como uma função reparadora (Parecer CNE/CEB 11/2000), mas, como uma porta (para superar/enfrentar) as muitas mazelas enfrentadas por nossa sociedade, buscando qualificar os alunos, preparando-os para que sejam críticos nos diálogos com todos os acontecimentos cotidianamente. Segundo o documento final elaborado durante a V CONFINTEA:

A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas "adultas" pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, V CONFINTEA, UNESCO, 1997, p. 42).

Tratar da Educação de Jovens e Adultos é algo que deve ser considerado de importância para os estudos dentro da academia. O objeto desta monografia é a importância do papel do professor na permanência dos alunos nas salas de aula. Com isso em mente, fui a campo em busca de respostas para minhas indagações referentes ao tema escolhido, realizando um estudo investigativo que qualificasse os porquês dos possíveis abandonos e permanências. Devido aos limites de um trabalho monográfico, este pretende ser apenas um recorte do processo de construção de uma pesquisa sobre o tema, pois sabemos que esse possibilita um estudo muito mais amplo. Assim, esse trabalho teve como procedimentos metodológicos a revisão de literatura pertinente e o trabalho com roteiros semiestruturado junto a professores que atuam na EJA. O intuito foi relacionar o que vem sendo discutido pelos autores sobre o assunto e a prática vivenciada pelos

professores da modalidade. Tivemos como referência Freire (2016) e pesquisadores como Arroyo (2011) e Soares (2008), que refletem e corroboram para a fundamentação de conceitos que envolvam a prática educativa desenvolvida para jovens e adultos.

Os sujeitos da pesquisa foram professores atuantes na EJA no município do Rio de Janeiro, que são alunos do Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica – CESPEB EJA da UFRJ. Foram entrevistados cinco professores que responderam minhas indagações, através de um roteiro semiestruturado, contendo sete perguntas, divididas entre objetivas e discursivas. A pesquisa realizada foi muito significativa nas respostas aos questionamentos que originaram esta monografia, levantando pontos muito positivos quanto aos ideais seguidos pelos professores participantes. A pesquisa evidenciou a necessidade desses professores irem em busca de uma formação continuada para melhoria da prática educativa. Porém, demonstrou também que eles acreditam em uma educação libertadora, que mobiliza e motiva seus alunos à cidadania, e na necessidade de um olhar mais específico para modalidade.

A presente monografia foi estruturada em três capítulos. No capítulo I, intitulado “Quem são os sujeitos da EJA?”, discutimos quem são esses educandos que procuram as turmas de Educação de Jovens e Adultos, seus motivos e principais dificuldades enfrentadas cotidianamente para estarem nas salas de aula da modalidade. No capítulo II, intitulado “Formação de professores para EJA (um pouco das leis e dos estudos da área)”, realizamos uma breve discussão através de uma “viagem” pelas diretrizes e estudos que tratam da formação de professores no Brasil. No mesmo capítulo, traçou-se um paralelo entre a teoria e a prática para uma formação contínua e dialógica. No capítulo III, intitulado “O papel do docente da EJA na permanência de seus alunos”, discutimos através das entrevistas quem são esses docentes que estão na modalidade, suas dificuldades, anseios e o que fazem para melhorar suas práticas, de forma a reforçarem a permanência de seus alunos. E, nas considerações finais, traremos uma pequena reflexão sobre os assuntos discutidos durante a escrita da monografia, as referências teóricas estudadas para sua construção, destacando o que foi descoberto e concluído.

Capítulo 1 - Quem são os sujeitos da EJA?

(...) não perceber o perfil distinto destes estudantes e tratar pedagogicamente os mesmos conteúdos como se tais alunos fossem crianças ou adolescentes seria contrariar mais do que um imperativo legal, seria contrariar um imperativo ético.

Cury (2002)

Quando pensamos na Educação de Jovens e Adultos, tentamos traçar um perfil para os sujeitos que constituem essa modalidade. O Parecer CNE/CEB nº 11/2000 nos auxilia nessa tarefa. O parecer que estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos foi elaborado pelo relator Carlos Roberto Jamil Cury, sendo aprovado em 10 de maio de 2000. Segundo o mesmo, de acordo com a Lei nº 9.394/96, a Educação de Jovens e adultos passa a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufruindo de uma especificidade própria que, como tal, deveria receber um tratamento consequente (BRASIL, 2000, p.2).

No parecer, Cury afirma que a Educação de Jovens e Adultos tem três funções: **reparadora**, que não seria apenas a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano; **qualificadora**, que mais do que uma função, para o autor ela é o próprio sentido da EJA, um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo; e a **equalizadora**, que vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais, como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. Atualmente é possível perceber uma EJA muito voltada para a função de reparação, de uma dívida social, resultante da história excludente do nosso país, com os diferentes sujeitos excluídos do contexto escolar por diversas razões e circunstâncias. Esse sentido de reparação colabora com a ideia de que, só através da escola, é possível a inserção profissional e a melhoria das condições de vida.

Segundo o IBGE, são consideradas analfabetas pessoas que não sabem ler e escrever um bilhete simples. O analfabetismo está concentrado, sobretudo, na população com 60 anos ou mais de idade e na região Nordeste do Brasil, especialmente no interior. O quadro está ligado ao problema histórico do acesso à educação. Di Pierro e Galvão (2007) dizem que a ampla maioria dos analfabetos é constituída por pessoas oriundas do

campo, de municípios de pequeno porte, nascidas em famílias numerosas e muito pobres, cuja subsistência necessitou da mão-de-obra de todos os membros desde cedo.

Pessoas analfabetas podem não ter diplomas de escolarização, mas nos dão verdadeiras aulas de vida com suas experiências cotidianas. Ensinam-nos tomando como exemplos situações simples, que muitos letrados não conseguem identificar. As autoras supracitadas nos revelam um pouco da realidade do país que vivemos, onde as camadas menos favorecidas são afetadas pelo descaso das políticas públicas e da própria sociedade. Como extensionista da graduação tive o prazer de conhecer e conviver com um pouco de figuras que exemplificam a realidade desses sujeitos. A turma com que tive contato era, especificamente, composta por mulheres, em sua maior parte aposentadas, que não puderam vivenciar o cotidiano da escola na juventude. Todas possuem um histórico de vida marcada por percalços e dificuldades comuns à maioria das mulheres brasileiras, que por conta da necessidade de cuidar da família se doam, deixando de lado suas vontades. O Parecer CNE/CEB 11/2000, nos afirma que:

[...] a ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou "vacionado" apenas para tarefas e funções "desqualificadas" nos segmentos de mercado. Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cançãoeiro regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena. (BRASIL, 2000, p.5).

A opção por pensar em uma monografia voltada para EJA, por muitas vezes, me causou grande anseio. Venho de família que conhece bem a questão do analfabetismo. Meus pais, avós, todos conheceram e conhecem bem os estigmas de ser analfabeto em uma sociedade letrada como a nossa. Assim como meus pais, que saíram do Nordeste para tentar uma vida melhor, milhões de brasileiros vieram e ainda vêm para as grandes capitais, principalmente para a região sudeste, em busca de melhorias de vida. Nesse objetivo deixam para trás família, amigos e toda uma história de vida. Porém, quando chegam aos grandes centros urbanos se deparam com problemas devido à falta de qualificação e preparo. Alguns mal sabem assinar o próprio nome, o que é um dos fatores que mais traz dificuldades para esses sujeitos.

Segundo dados do IBGE (2017), 7,2% da população com mais de 15 anos é analfabeta. Este percentual representa aproximadamente 11,8 milhões de brasileiros que ainda não possuem autonomia na leitura e escrita. Apenas 27% dos brasileiros são capazes de decodificar letras e números, mas não compreendem o que leem. Esses são representados por um grupo de pessoas com pelo menos 11 anos de estudo. Na população de 25 anos ou mais de idade, o número de pessoas alfabetizadas passou de 33,6% para 42,5%. O nível de instrução feminino manteve-se mais elevado que o masculino.

Em 2014, no contingente de 25 anos ou mais de idade, a parcela com pelo menos 11 anos de estudo representava 40,3% para os homens e 44,5% para as mulheres. Esse quadro representa uma esperança para esses sujeitos que correm contra o tempo, considerado perdido ou difícil de se recuperar. Observa-se que realmente houve uma diminuição do analfabetismo no Brasil. Segundo o Censo Escolar da Educação Básica de 2014, as matrículas em EJA vêm caindo drasticamente nos últimos anos. Em 2006, mais de 8,3 milhões de brasileiros acima dos 15 anos voltaram a frequentar a escola. Oito anos depois, foram registradas 3,2 milhões de matrículas a menos na modalidade, demonstrando um processo regressivo. Dados do censo escolar deste ano divulgam que foram realizadas 2.858.145 matrículas na Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Mas essa taxa indica que o Brasil não conseguiu alcançar a meta 9 do Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelecia que se deveria elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e também erradicar até o final de sua vigência o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% o analfabetismo funcional.

Kohl (2008) afirma que o adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida, em que se encontra o adulto, fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação à criança), como também e, provavelmente, capacidade de reflexão sobre o conhecimento e seus próprios processos de aprendizagem.

Tentar definir um perfil é falar de sujeitos marcados por especificidades, de homens e mulheres de diferentes faixas etárias. E pensar que há alguns anos essa

modalidade era composta em sua maioria por pessoas de mais idade. Atualmente percebe-se uma EJA que abarca jovens na faixa etária dos 15 anos de idade, excluídos das classes destinadas a crianças e adolescentes, devido à defasagem série/idade. O que podemos também constatar durante a pesquisa é que muitos jovens que constituem a Educação de Jovens e Adultos hodiernamente são os que possuem algum tipo de problema. E por esse motivo acabam não se enquadrando nas classes destinadas a crianças e adolescentes, sendo então “convidados” a ir para EJA.

Em sala de aula, muitos desses alunos perdem suas referências. E se esse convívio com outras gerações no ambiente escolar não for bem trabalhado, pode provocar atrito e dificuldades de convivência entre grupos tão heterogêneos. Afinal, os saberes de experiência são o que os diferenciam. Os alunos mais velhos, em geral, acabam não tendo paciência com o ritmo que os alunos mais jovens imprimem. Isso traz para a escola as adversidades.

Rummert (2002) afirma que os jovens e adultos trazem, para o interior do espaço escolar, uma multiplicidade e uma riqueza de saberes que quase nunca se externam. Saberes estes considerados sem valor ou mesmo equivocados e inadequados aos padrões culturais valorizados pela cultura escolar. E esses sujeitos marcados pela diversidade representam uma parcela significativa da sociedade. Eles contribuem diretamente para o bem-estar da sociedade, alguns responsáveis por toda a produção de subsistência da comunidade em que estão inseridos. São pessoas especialmente criativas, que nos ensinam a todo momento.

Como extensionista, atuando como alfabetizadora do Programa Integrado de da UFRJ para a Educação de Jovens e Adultos, pude ensinar um pouco do que sei, mas também tive a oportunidade de vivenciar a cada dia uma nova experiência de aprendizagem. Trouxe dessa experiência um alicerce para confirmar minha escolha pela Pedagogia. Aqueles alunos foram a peça chave para a eliminação de qualquer dúvida que habitava meus pensamentos. E essa multiplicidade vem construindo a minha identidade docente. Cada aluno daquela turma representa um pouco do que sou e me incentiva a cada dia a buscar subsídios para melhorar minha prática em sala de aula.

Para Ribeiro (2004), os sujeitos da EJA são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar". Alguns estudos tentam pontuar possíveis causas de uma

evasão escolar, não ingresso ou permanência, e conseqüentemente, seu fracasso. As hipóteses para que os jovens e adultos não concluam a escolarização são muitas:

- O acesso precoce ao trabalho;
- Distância da escola a sua residência;
- Maiores dificuldades de aprendizagem;
- A implementação de um currículo que não aborda de forma geral e inclusiva outros aspectos culturais e de conhecimento;
- As práticas pedagógicas excludentes;
- As repetências ou reprovações;
- As desigualdades sociais;
- O não sentimento de pertencimento (tanto na escola como na sociedade);
- Péssima ou nenhuma infraestrutura;
- Infantilização das práticas na EJA;
- A não valorização do profissional docente;
- A falta de uma formação continuada;
- Falta de empatia com o professor, dentre outras.

É preciso compreender que esses sujeitos vivem no mundo urbano, mas são oriundos das classes mais empobrecidas da sociedade. Também fazem parte de um mundo industrializado, burocratizado e escolarizado. E, em muitos casos, trabalham em ocupações que exigem o mínimo de qualificação. Contraditoriamente, são essas mesmas ocupações que acabam por dificultar a permanência desses alunos nas salas da EJA. Muitos enfrentam uma rotina de mais de 9 horas de trabalho, fora o tempo de deslocamento. Soma-se a isso o cansaço e a falta de incentivo dos patrões, fatores que agravam a caminhada desse aluno em busca de uma formação e de manter a esperança de melhores possibilidades de trabalho.

Minhas alunas afirmavam a todo momento que não tinham interesse por diplomas. Queriam poder sair sozinhas, viajar sem precisar da ajuda de terceiros. Um fato muito me comoveu. Associavam a escrita à autonomia e liberdade. Uma delas me contou

que um dos momentos mais importantes de sua vida foi quando a professora, anterior a mim naquela turma, levou-a para fazer uma nova carteira de identidade, onde ela pôde assinar o próprio nome com sua caligrafia. Aquilo para mim foi algo muito especial. Alguém com algo tão simples me mostrou como é possível ser feliz. Vi o quanto uma assinatura tinha, para aquela mulher, todo um significado e importância. É uma questão de pertencimento, de orgulho de si e de não necessitar colocar um dedo no lugar da assinatura. Porém, sabemos que a felicidade dessa aluna está relacionada diretamente com o tratamento que as pessoas não alfabetizadas recebem em nossa sociedade. Por isso, a importância do analfabeto sair do lugar estigmatizado.

Para Di Pierro (2007), os estudos sobre jovens e adultos que não sabem ler e escrever revelam, de um lado, a rica diversidade de cultural da sociedade brasileira e, de outro, expõem trajetórias de vida relativamente homogêneas. Essas pessoas carregam consigo a marca da exclusão social. São sujeitos do tempo presente que sustentam a pirâmide da sociedade, formados por memórias e vivências, que os constituem enquanto seres com identidade capazes de aprender e socializar muito conhecimento. Excluídos do sistema de ensino, por diferentes motivos, como a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar, costumam apresentar um tempo maior de escolaridade. Ainda existem aqueles que nunca sequer pisarão no chão da escola. Arroyo (2011) afirma:

O educando da EJA é um sujeito que traz consigo especificidades e vivências profundas adquiridas durante anos fora do ambiente escolar, estas configuram e dão forma às práticas dentro do contexto da Educação de Jovens e Adultos. Afinal, esses sujeitos possuem conhecimentos primordialmente de uso social e não o conhecimento que está sistematizado, ao qual a sociedade letrada comumente atribui maior valor.

A compreensão desse sujeito não é menos importante do que a de um letrado. Apesar de não saber ler e escrever, muitos realizam uma interpretação com sua visão de mundo que muitos doutores não conseguem. Com suas vivências pessoais, os iletrados oferecem verdadeiras lições de vida. Tomo por exemplo uma de minhas alunas. Com 16 anos de idade, veio para o Rio de Janeiro para trabalhar como doméstica em casa de família, onde foi explorada. Determinada, saiu dessa casa, arrumou outro emprego no qual aprendeu a assinar seu nome. Trabalhou desde muito jovem, tanto que aos 56 anos já estava aposentada. Ela era uma das alfabetizadas da turma, que apresentava alunos com diferentes níveis de aprendizagem. Já havia passado por outros espaços. Eu sempre

questionava o porquê de ela não querer ir para uma escola da prefeitura, a fim de obter o certificado. Ela me dizia que era suficiente estar ali e que nas escolas da prefeitura havia muitos alunos e as professoras não ligavam para eles. Tentei diversas vezes convencê-la do contrário, explicando que existiam bons professores. E que como ela era empenhada logo estaria fazendo o ensino médio. Porém, todas minhas tentativas foram fracassadas.

De uma forma geral, o que se percebe é essa necessidade e importância da função do professor para esses sujeitos e como nossa profissão serve de espelho para nossos alunos. Eles nos veem como detentores do conhecimento e não observam o quanto em si próprios carregam e transmitem também esse conhecimento. É preciso pensar em práticas que evidenciem esses sujeitos, tornando-os autônomos e independentes da figura do educador, pois se constata que em muitos educandos a dificuldade de aceitar e de se aceitar como ser detentor de conhecimento.

Barreto & Barreto (2005) destacam em seu texto “Um sonho que não serve ao sonhador” o quanto o preconceito contra o analfabeto está presente entre os próprios alunos. Eles não acreditam que são detentores de conhecimentos. É nítido o incômodo de muitos educandos quando algum colega começa a falar na sala de aula. Para esses educandos o único que deve se posicionar é o professor, pois é o detentor do conhecimento. E quando algum colega fala é pura perda de tempo.

Também existem ideias consagradas sobre atitude que os alunos devem ter para poder aprender. Como imaginam que o professor é o único detentor do conhecimento que vão buscar, acham que devem prestar toda atenção naquilo que o professor diz. Costumam achar pura perda tempo quando um colega fala. Na opinião, o conhecimento vem do professor, nunca dos colegas. Por isto, irritam-se, quando a professora estimula a discussão entre os alunos. (BARRETO & BARRETO, 2005, p. 63)

A afirmativa dos autores reforça a presença da concepção bancária de educação (FREIRE, 1992) e nos instigam a entender atitudes e falas dos alunos da EJA. As possibilidades que me foram proporcionadas na graduação, só confirmaram tudo aquilo que eu pensava sobre a Educação de Jovens e Adultos, em especial a diversidade e especificidades de seus sujeitos. Olhar para esses sujeitos, é lançar um novo olhar para

minha própria família. Vi o quanto preciso aprender com eles, não só sobre o ser humano, mas também sobre o ser docente.

Capítulo 2 – Formação de professores para EJA (um pouco das leis e dos estudos da área)

Não é possível continuar improvisando educadores e alfabetizadores de Jovens e Adultos. NÃO é possível continuarmos 'zarolhos', olhando enviesados como se a Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos fossem uma prática extemporânea e passageira.
(MOURA, 2001, p. 105)

A reflexão sobre a formação de professores para a EJA nos leva a analisar como essa tem sido tratada pelos documentos oficiais e por diferentes autores. No Brasil, é possível observar que as mudanças na área de formação de professores para a EJA aconteceram a partir da implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, quando a Educação de Jovens e Adultos torna-se uma modalidade da educação básica. A formação inicial e continuada de profissionais para a EJA passa a ter como referência as Diretrizes Nacionais para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio e as Diretrizes Curriculares Nacionais de formação de professores, apoiada em:

- I. Ambiente institucional com organização adequada e proposta pedagógica;
- II. Investigação dos problemas desta modalidade de educação, buscando oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas;
- III. Desenvolvimento de práticas educativas que correlacionem teoria e prática;
- IV. Utilização de métodos e técnicas que contemplem códigos e linguagens apropriados às situações específicas de aprendizagem.

No que diz respeito especificamente à EJA, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos (2000) também destacam que:

Não se pode considerar a EJA e o novo conceito que a orienta apenas como um processo inicial de alfabetização. A EJA busca formar e incentivar o leitor de livros e das múltiplas linguagens visuais juntamente com as dimensões do trabalho e da cidadania. Ora, isto requer algo mais desta modalidade que tem diante de si pessoas maduras e talhadas por experiências mais longas de vida e de trabalho. (BRASIL, 2000, p.9/10).

O texto do Parecer CNE/CEB 11/2000 reforça a importância de formação específica para esse profissional, uma vez que a realidade com a qual ele vai lidar difere em muito do foco dos cursos de formação de professores que, de um modo geral, recai sobre o ensino de criança e adolescentes. Afinal como afirma Moura (2007, p. 27):

[...] a Educação de Jovens e Adultos – EJA - ainda guarda invisibilidade. A prioridade no que diz respeito aos investimentos de recursos, à produção de material didático, à realização de pesquisas e à formação de professores esteve sempre direcionada ao ensino de crianças. A EJA, ainda hoje, conserva uma visão compensatória e não se efetiva enquanto um direito público subjetivo, tal qual é assegurado na Constituição de 88. O tratamento que vem sendo dispensado a essa modalidade de ensino, talvez esteja diretamente ligado ao público ao qual ela atende: jovens e adultos com baixo poder aquisitivo, negros, desempregados, subempregados, oprimidos, incluídos de forma subalterna. Isso evidencia que o analfabetismo não é só uma questão pedagógica, mas principalmente uma questão social e política.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases)9394/96 representou um avanço para a EJA, uma vez que faz referência especificamente a ela em dois capítulos, na Seção V, reforçando a modalidade de ensino, enquanto um direito:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. (BRASIL, 1996, p. 23)

A LDB 9.394/96, nos artigos 61 e 62, faz referência clara à formação de professores, destacando seus fundamentos e a escolaridade necessária para o profissional que irá atuar nessa modalidade:

Art. 61 – A formação dos profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase de desenvolvimento do educando terá como fundamentos:

I- A associação entre teorias e práticas, inclusive mediante capacitação em serviço;

II- Aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação.

Assegurada na forma da lei, o grande desafio é fazer com que a formação docente para a EJA se efetive na prática. É preciso ao professor da Educação de Jovens e Adultos construir uma lógica de trabalho que agregue e contribua para formação de práticas que incentivem e ofereçam a seus alunos o sentimento de pertencimento. Práticas que os levem a compreender as razões sociais para o analfabetismo e a baixa escolarização da maioria da população, libertando-os da culpa individual, que foi construída historicamente em nossa sociedade.

O Parecer CNE/CEB 11/2000 diz que com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim, esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista, e sim um docente que se nutra do geral e das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (2000, p.52). Afirma também: "Trata-se de uma formação em vista de uma relação pedagógica com sujeitos, trabalhadores ou não, com marcadas experiências vitais que não podem ser ignoradas." (p. 58). E nos diz que a EJA, de acordo com suas três funções, deve:

(1) ser reparadora de direitos negados;

(2) promover a equidade, dando maiores oportunidades aos que necessitam de mais chances para a efetivação de aprendizagens;

(3) ser qualificadora, habilitando pessoas para mercados de trabalho, ao exercício da cidadania, a maiores oportunidades de comunicação e versatilidades para o convívio com as demandas do mundo contemporâneo.

De acordo com o Parecer CNE/CEB 11/2000, a educação escolar em países como o Brasil deve ter como objetivo a busca de uma sociedade menos desigual e mais justa. O Parecer também destaca que:

O importante a se considerar é que os alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos adequados à faixa etária. São jovens e adultos, muitos deles trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re)inserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência, que não tiveram diante de si a exceção posta pelo art. 24, II, c. Para eles, foi a ausência de uma escola ou a evasão da mesma que os dirigiu para um retorno nem sempre tardio à busca do direito ao saber. Outros são jovens provindos de estratos privilegiados e que, mesmo tendo condições financeiras, não lograram sucesso nos estudos, em geral por razões de caráter sociocultural. (BRASIL, 2000, p. 33 e 34)

Essas experiências não devem ser ignoradas, nem tão pouco deixadas de lado. O docente que atua na Educação de Jovens e Adultos deve ser embebido de criticidade, dialogicidade, mas principalmente de humildade. Segundo Machado (2008), a formação de professores no Brasil, historicamente, tem forte influência das chamadas escolas normais, que foram lócus da formação de professores até o período da Reforma Universitária de 1968. Naquela época os profissionais eram formados em escolas técnicas em magistério.

Contudo, é importante destacar que muitas classes da EJA no Brasil, principalmente as classes de alfabetização, ainda são dirigidas por educadores populares, que não possuem uma formação específica para área. Atuam como voluntários realizando trabalhos em igrejas, associações de moradores, ONGs, entre outras situações. Machado afirma que as mudanças referentes à formação de professores ocorreram a partir da LDB 9.394/96, com a implementação em algumas universidades da habilitação em EJA. Ainda segundo esse autor, “Há um desafio crescente para as universidades no sentido de garantir/ampliar os espaços para discussão da EJA, seja nos cursos de graduação, seja nos de pós-graduação e extensão” (MACHADO, 2000, p. 16).

Atualmente, ainda podemos observar que a EJA é tratada de forma subalterna, ou seja, existe pouco investimento para formação na modalidade. Nos currículos das universidades constata-se a quantidade reduzida de disciplinas, que agreguem as discussões dessa modalidade, mesmo com recomendações das leis.

Em relação à formação docente na esfera da EJA, Di Pierro e Haddad (1994)

destacam:

Os professores que trabalham na educação de Jovens e Adultos, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou recrutados no próprio corpo docente do ensino regular. Note-se que na área específica de formação de professores, tanto em nível médio quanto em nível superior, não se tem encontrado preocupação com o campo específico da EJA; devem-se também considerar as precárias condições de profissionalização e de remuneração destes docentes. (DI PIERRO; HADDAD, 1994, p. 15).

Venho observando durante a graduação que essa não é a realidade de todos os docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos. Tem havido grande luta pela melhoria das condições da modalidade em exercício, um movimento constante de construção coletiva na discussão nos fóruns e seminários. A EJA vem despertando forte militância por parte de muitos docentes da área e isso incentiva e motiva esses profissionais na busca de práticas de integração.

Paulo Freire (1996, p.27) dizia que “a formação do educador deve ser permanente e sistematizada, porque a prática se faz e refaz” (GADOTTI, 2006, p.59). Porém, o que ainda tem acontecido nos cursos de graduação é um certo desleixo com a EJA por parte das faculdades de educação. É como se essa modalidade de ensino fosse algo menos importante, não merecedora de melhor formação. Algumas instituições sequer têm a EJA no currículo. Na graduação em pedagogia da UFRJ, há apenas duas disciplinas obrigatórias, já praticamente no final do curso. Muitos colegas só tiveram a oportunidade do contato com a EJA nos últimos períodos. Para as demais licenciaturas, ela aparece apenas em uma disciplina optativa.

Meu contato felizmente ocorreu no 4º período, através da Extensão Universitária, no Programa Integrado de Educação de Jovens e Adultos. Posso afirmar que foi o momento em que tive a certeza de que estava no caminho certo. Nele aprendi a importância de dar voz a quem é silenciado, oferecer carinho a quem não conhece o sentido da palavra, a acolher e ser acolhida nas dificuldades. Através do diálogo fui conquistando pessoas que desejam mudar ou pelo menos dar novo rumo as suas vidas. Estar dentro de uma comunidade, como a do Complexo da Maré, é uma experiência única. Lá, através do relato de meus alunos, ouvi e vivi momentos que levarei para sempre na

minha vida. Essa experiência deveria ser vivenciada por todos os alunos do curso de pedagogia e das licenciaturas de maneira mais profunda. Embora exista a obrigatoriedade do estágio em prática em EJA, o tempo é muito limitado, diante da riqueza de formação que adquirimos com essa vivência. Moura (2017) destaca a importância da Extensão Universitária para a formação docente:

As marcas deixadas pelos sujeitos que vivenciam a Extensão Universitária são muitas. Através de relatos, trocas nas formações continuadas ou produções acadêmicas, eles verbalizam a importância da Extensão Universitária não só para suas vidas profissionais, mas também para a vida pessoal, pois a extensão lhes possibilita uma visão de mundo ampliada e a intervenção e contribuição de forma ativa e crítica na sociedade em que vivem. (Moura, 2017, p.133)

Partimos do pressuposto de que essa formação continuada deve acontecer cotidianamente, para que esse profissional possa a todo momento compreender e explorar as possíveis dificuldades enfrentadas por seus alunos dentro e fora das salas de aula. É necessário e urgente, que sejam oferecidas para esses profissionais políticas públicas pensadas de forma a incentivá-los à reciclagem e capacitação. Esses são os objetivos da formação continuada por meio dos cursos de especialização, da prática docente, de cursos de aperfeiçoamento, entre outros. Para Soares (2008, p.85):

Ainda que não seja uma questão propriamente nova, somente nas últimas décadas o problema da formação de educadores para a EJA ganhou dimensão mais ampla. Esse novo patamar em que a discussão se coloca relaciona-se à própria configuração do campo da Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, a formação dos educadores tem se inserido na problemática mais ampla da instituição da EJA como um campo pedagógico específico que, desse modo, requer a profissionalização de seus agentes.

Estudos realizados por Arroyo (2011), Machado (2008) e Soares (2008) apontam que muitos professores que atuam nas classes de jovens e adultos se identificam com a modalidade, mas sentem dificuldades de trabalhar. E o motivo é a falta da formação específica na academia para atuar em EJA. Muitos professores entram em sala de aula sem sequer ter o mínimo de conhecimento na área. E isso não é muito diferente nas escolas que possuem a modalidade. Nelas há uma estrutura adequada para receber apenas crianças e não os alunos jovens e adultos. Estes não possuem um espaço para se expressar, as carteiras são inadequadas e os murais disponíveis acabam dificultando o trabalho docente. A situação deixa nos alunos o sentimento de estar em um local que não lhes

pertence. Daí a luta dos envolvidos em EJA nessas escolas, sua importância na manutenção de professores motivados. Pois a falta de investimento financeiro, como também de incentivo, deflagra em muitos professores a desmotivação. Não se sentem inspirados para oferecer aos alunos uma escola mais acolhedora e atuante. Mas ainda assim percebe-se em alguns profissionais da área uma sensibilidade para compreender e trazer práticas pedagógicas que condizem com a realidade de seus alunos, que são verdadeiras vitórias. Soares (2016) afirma:

Uma possibilidade é considerar que a experiência vivenciada por educandos e educadores pode se constituir em um eixo propício para a leitura crítica do mundo e para a construção de uma visão reflexiva que vá além do instituído, possibilitando a emergência do novo. Nesse contexto, o foco para se definir uma política para a EJA e para a formação do seu educador enfatiza a necessidade de os profissionais buscarem refinar seus procedimentos para conhecer bem quem são esses jovens e adultos populares, e como se conformam como tal. Assim, reitera-se a necessidade de os processos formativos desses educadores partirem da prática pedagógica, seguidos da teorização sobre ela, mantendo esse movimento de ação/reflexão/ação. (Soares, 2016, p. 259)

Talvez aí esteja a grande dificuldade de alguns professores em trabalhar na EJA: pensar no aluno como autor de ação e reflexão. Há o desafio de encontrar caminhos que ofereçam a esses jovens e adultos possibilidades reais de se sentirem pertencentes ao ambiente da sala de aula, interagindo e vivenciando todas as experiências que lhe são oferecidas. Para Arroyo (2006), os futuros professores de EJA precisam conhecer as especificidades do que é ser jovem, do que é ser adulto. E tudo deveria girar em torno dessas especificidades, tendo-se a certeza de que "não é qualquer jovem e qualquer adulto. São sujeitos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-raciais, do campo, da periferia." (ARROYO, 2005, p22) A partir dessa visão teremos profissionais capazes de construir uma teoria pedagógica que se enriquecerá com os processos de formação de jovens e adultos.

A abordagem em EJA deve ser pensada e baseada naquilo que o aluno traz para sala de aula. Sendo assim uma modalidade diferenciada, a EJA requer investimentos mais específicos na área. Ela é indispensável, apesar de alguns profissionais da educação considerá-la uma mazela que deve ter fim o mais rápido possível. Precisamos mudar essa realidade do nosso país onde a educação ainda é privilégio de poucos. É necessário e

fundamental para o professor de EJA que se encontra em um processo contínuo de formação, compreender a dimensão dos contrastes existentes na sala de aula, procurando sempre entrar no cotidiano de seus alunos, se conscientizando que a formação docente também se transforma com toda bagagem que os discentes carregam para a escola.

A escola também precisa compreender que faz parte da formação desse docente, disponibilizando subsídios para sua constante autonomia. O trabalho de formação desse educador exige que ele seja reconhecido como detentor de certa teoria em relação ao trabalho que desempenha, buscando a coerência na ação-reflexão-ação.

A formação continuada dos docentes é algo que deve acontecer cotidianamente, até mesmo no diálogo entre os próprios pares no chão da escola. É um processo que demanda tempo e investimento, apesar de longas jornadas de trabalho acabarem por complicar e dificultar a formação. Afinal, a escola é o espaço de cultura, de política e conhecimento. É um local em que os alunos precisam se sentir incluídos e integrados, tornados sujeitos autônomos que retornam para a um lugar que é seu por direito.

2.1 - Contribuições de Freire para a formação do educador de jovens e adultos

Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (FREIRE, 1996)

Atualmente se entende que não há necessidade de uma formação específica para se tornar um professor da modalidade. Geralmente os professores que atuam na EJA são aqueles formados para o Ensino Fundamental I. Ou seja, uma docência voltada a princípio principalmente para crianças. Esses profissionais não tiveram nenhuma formação específica ou experiência em EJA. Segundo Freire (1997) entre as virtudes

indispensáveis aos professores estão: humildade, amorosidade, coragem, tolerância, paciência, competência, criticidade. Para o educador:

Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com empenho igualmente [...] e crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (FREIRE, 1999, p. 62).

Ainda segundo o educador, o professor deve garantir dialogicidade, utilizando-a como instrumento transformador, não apenas de sua sala de aula, mas também do mundo, promovendo um pensar verdadeiro e crítico onde seus alunos possam ter consciência de suas escolhas, através do diálogo constante que envolva educadores e educandos durante todo processo de aprendizagem, que permita essa transformação social e cultural dos envolvidos.

Nos livros de Freire, encontramos muitos ensinamentos e grandes contribuições. Em *Professora Sim Tia Não*, o autor trata especificamente das complexidades e dilemas que nós, educadores, vivenciamos constantemente, apontando pontos de reflexão e referência. Estar na EJA é assumir postura de militância por uma educação justa e de qualidade para todos independentemente de cor, sexo ou religião.

Em seus ensinamentos, Freire nos mostra a importância do educador estar engajado, com compromisso e empenho, até mesmo nos dias de maior dificuldade vivenciados dentro da profissão professor. O professor deve comemorar e celebrar de igual modo perdas e vitórias, sendo justo consigo próprio, lembrando que somos seres humanos, passíveis de erros e acertos que podem ser analisados, refletidos e modificados.

Intervenções realizadas no momento certo podem possibilitar uma mudança expressiva na visão que o educando traz para sala de aula. Segundo Freire (2011, p. 43), a prática pedagógica da sala de aula, não deve ser pensada para o educando, mas com o educando. Ele pode e deve apresentar o que de fato é para ele importante aprender. Dessa forma, o educando deixará a posição de oprimido, assumindo a libertação, caso a deseje.

Embora existam profissionais extremamente engajados e dedicados ao seu ofício, também encontramos alguns que estão na EJA apenas para compor a carga horária. Esses últimos não estão preparados nem tampouco envolvidos com a modalidade.

Quando penso nesses profissionais que não receberam uma preparação para assumir essas turmas, me coloco na posição deles. E assim procuro entender por que não

vão em busca de uma formação continuada. Engajar-se em EJA não se trata de um favor, nem muito menos considerar os alunos como coitadinhos. O educador da EJA tem postura de militância, entende a modalidade como direito de pessoas que não tiveram oportunidades de aprender quando eram mais novos. Conhecer Freire provocou em minha formação um impacto direto. Ele me mostrou uma nova visão do que é o trabalho com uma educação feita de uma maneira dialógica; e não apenas com os jovens em adultos, mas também com todas as modalidades de ensino. Através das palavras de Freire descobri a importância do ouvir, sem se considerar o detentor do conhecimento. Em tudo o que escreveu, Freire nos mostrou que a humildade é a essência de um bom educador.

Com base no que Freire nos diz, é preciso pensar na formação que esses educadores vêm recebendo nos ambientes de aprendizagem que frequentam. Pensar em um currículo que abrace a Educação de Jovens e Adultos como formação não apenas obrigatória, mas também como princípio para reflexão. Que esse docente comprometido com o diálogo e a reflexão em suas práticas cotidianas receba todos os investimentos e incentivos para a sua formação.

Os professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos enfrentam situações diversificadas diante de suas turmas. Tal situação demanda desses docentes um certo traquejo. Em sua maioria, as turmas da EJA são noturnas. Esse fato traz como consequência o problema do cansaço, não apenas por parte dos alunos, mas também do docente que vem, muitas vezes, de uma jornada de mais de um turno ou de todo um dia de trabalho árduo. Como estudante de graduação, em uma turma noturna, pude observar em muitos colegas esse cansaço, que para muitos era um empecilho à permanência no curso. Não via a mesma situação na minha turma da extensão, que era à tarde.

Como se já não bastasse o cansaço, esses profissionais lidam também com as diferenças geracionais oriundas do processo de juvenilização da EJA. Há ainda a falta dos educandos às aulas, que ocorrem por diferentes motivos, sendo os principais: família, trabalho e doença. Todas essas questões exigem desse educador a atitude de se pôr no lugar de seu aluno, tendo a sensibilidade para inseri-lo no contexto escolar. O docente deve lidar com estratégias que resgatem esses alunos excluídos, proporcionando-lhes possibilidades de expressão, de reconstrução, dando-lhes novos sentidos históricos, ancorados na liberdade, na justiça e na igualdade para suas trajetórias de vida. Freire (2016, p. 56) nos deixa como reflexão:

[...] A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de preparar, de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Essa atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se torne processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela, a experiência docente, requer uma formação permanente do ensinante [...]

Freire contribuiu muito para esse processo, em que o professor busca cada vez mais subsídios para melhoria de suas práticas, considerando os saberes prévios que os discentes trazem para o ambiente da escola. Essa atitude possibilita para o docente um crescimento atinge aquele que com constância proporciona a seus educandos a oportunidade de evoluir. Evolução essa que transforma e possibilita autonomia. O educador deve ter essa postura pluralizada e múltipla, com a qual age e reflete, simultaneamente.

Os ensinamentos de Freire são peça fundamental para a formação dos educadores críticos e reflexivos. Com ele aprendemos que o fazer pedagógico deve ser refletido e repensando de forma contínua nas diferentes modalidades, havendo ao mesmo tempo o incentivo ao educador em sua formação, reflexão e constantes pesquisas. Como bem destaca Freire (1996):

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunde com a prática. O seu "distanciamento" epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. (FREIRE, 1996, p.22).

Segundo Paulo Freire, o educador não é um sujeito neutro, como muitas vezes tentam nos fazer acreditar. Ele está inserido na sociedade e isso lhe fornece o poder de convencer, motivar, conquistar. Mas quando suas práticas não são utilizadas de forma correta, podem afastar ou tornar o ambiente insustentável para seus educandos. O educador possui meios de revolucionar sua sala de aula, ampliando visões, tornando-a um local de descoberta, construção, desconstrução, debate, reflexão. A esse respeito, Freire (1997) afirma:

[...] dizer-lhes sempre a nossa palavra, sem jamais nos expormos e nos oferecermos à deles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário. Este não pode ser o modo de atuar de uma educadora ou de um educador cuja opção é libertadora. Quem apenas fala e jamais ouve; quem “imobiliza” o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias; quem ouve o eco apenas de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral; quem considera petulância da classe trabalhadora reivindicar seus direitos; quem pensa, por outro lado, que a classe trabalhadora é demasiado inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada que ver com libertação nem democracia. (FREIRE, 1997, p.26).

Cabe a nós, educadores, a procura para o entendimento das especificidades de nossos educandos, explorando todo o conhecimento cultural e social que os mesmos carregam em sua trajetória, de maneira que os mesmos sejam ampliados a cada momento. A importância de não se sentir detentor do conhecimento é fundamental para se tornar um educador crítico, ampliando os próprios conhecimentos, sendo um facilitador no processo de ensino e aprendizagem de seus educandos. Para Freire, não se separa o ato de ensinar do de aprender. E isso é essencial para o educador.

Capítulo 3 -O papel do professor da EJA na permanência de seus alunos nas classes escolares

[...] neste sentido e não só neste, mas em outros também, nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles e elas, demandam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, contexto que os condiciona. Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever entre outros que a prática educativa nos impõe[...]

(Paulo Freire)

Desenvolver esse tema me desperta, ao mesmo tempo, um misto de afetividade e de incompreensão diante de certas práticas utilizadas por alguns educadores. Como alfabetizadora, na extensão universitária, me questionava sobre o que poderia fazer para manter meus alunos todos os dias dentro da sala de aula, quais métodos utilizar para construir sempre aulas motivadoras e acolhedoras. Minha turma, como a maioria das turmas da EJA, enfrentava seus muitos e diferentes problemas, que levavam os alunos a um número excessivo de faltas. Isso despertou em mim o interesse para abordar essa situação, principalmente por ter um exemplo dentro de casa de desmotivação resultante das práticas utilizadas por uma docente. É evidente que o professor não é o único responsável pela permanência ou exclusão dos alunos. Existem muitos fatores, já mencionados, tais como o cansaço devido a horas de trabalho e problemas de saúde. Eles também atrapalham o trabalho realizado pelo professor, acabando por tirar os alunos das salas da EJA.

A realidade de nossos alunos não é nada fácil. O sacrifício para estar dentro da escola é enorme. O educando jovem ou adulto encontra dificuldades de conciliar os estudos com as atividades profissionais, das quais provêm, na maioria dos casos, sua subsistência e de seus familiares. Muitos dos alunos são responsáveis pela única renda da família. São também mulheres jovens ou idosas que não tiveram possibilidades de ir à escola no passado, únicas responsáveis pela subsistência da família, moradoras de comunidades carentes, que enfrentam a violência como obstáculo para frequentar a sala de aula.

Seus relatos de expectativas referentes à escola são emocionantes. Alguns ainda acreditam que o professor é o único detentor do conhecimento. Nessa atitude sentem-se pequenos perto do docente. Alfabetizar torna-se então uma tarefa desafiadora. Penso que não há desafio maior do que o lidar com a evasão. Ainda que falte ao professor formação específica na área, ele, consciente dos diversos motivos da evasão de seus alunos, precisa criar recursos capazes de motivá-los. E aqui é que entram a empatia e a sensibilidade.

Um dos pressupostos para escrita dessa monografia é que a qualidade na formação do educador e os tipos de métodos utilizados na Educação de Jovens e Adultos causam influência direta na permanência ou não do aluno em sala de aula. Embora tenhamos clareza que a permanência do aluno não depende exclusivamente do professor, temos também a convicção de que uma formação de qualidade pode permitir a esse profissional possuir melhores meios para construir soluções para o enfrentamento dos dilemas presentes no cotidiano das práticas educativas, buscando respeitar os diferentes saberes dos alunos.

Após o contato com os alunos da EJA, pude perceber que a abordagem de temas pertinentes a sua realidade possibilita um envolvimento e entendimento mais amplo. Conexões e diálogos são feitos. Traçam-se “pontes” entre as disciplinas e suas relações culturais, econômicas e sociais. Considero esses elementos fundamentais para mobilização do aluno, pois podem construir/fortalecer o sentimento de pertencimento, inserindo-o no ambiente escolar, acabando com a evasão. A sala de aula passa a ser um ambiente de socialização, conforto, refúgio e identidade para esses sujeitos.

A insegurança demonstrada por grande parte dos alunos quando retornam à escola é também fator agravante para o trabalho docente. Muitos educandos relatam as dificuldades na compreensão e domínio da leitura e escrita, dos saberes matemáticos, que utilizam quase que cotidianamente. Há ainda questões relativas à natureza e sociedade e um verdadeiro pavor às avaliações. Outros assuntos também encontram muita resistência por parte dos alunos, como a questão de gênero e temas que se contrapõem às suas crenças religiosas. Nesse sentido, é importante destacar que o trabalho do educador dentro das turmas da Educação de Jovens e Adultos, tanto pode garantir um melhor desenvolvimento educativo dos seus alunos, como também contribuir para dificultar o processo de escolarização. Tudo dependerá das propostas oferecidas para o ensino, que precisam ser

desenvolvidas em sala de aula de maneira a incentivar os educandos, e ao mesmo tempo adequadas ao perfil deles.

Durante minhas leituras para a construção dessa monografia, me deparei com muitos autores debatendo em seus textos a importância da formação desses profissionais que atuam nas classes de alfabetização de jovens e adultos. E esses debates continuam aguçando cada vez mais o meu interesse sobre o tema. Venho compreendendo, desde então, a importância de uma prática docente preocupada para além do ensinar e aprender. Uma prática que envolva e se deixe envolver pela realidade que os alunos trazem para o chão da escola, utilizando as práticas pedagógicas que estejam diretamente ligadas à formação do aluno, enquanto sujeito autônomo, capaz de ensinar a partir daquilo que foi apresentado e construído ao longo de sua trajetória, partindo das trocas de ideias, histórias, relatos e experiências cotidianas.

A prática de ensino e o estágio supervisionado em EJA me colocaram no cotidiano de uma escola municipal que, de certa maneira, se diferencia do ambiente que trabalhava na extensão. Mas as diferenças se limitavam apenas quanto ao modelo de currículo utilizado. No estágio tive a oportunidade de perceber o quanto a referência do docente também é significativa. Percebi ainda como a formação e incentivo para atuar na modalidade diferenciam esse docente imerso na EJA dos demais profissionais que atuam de uma maneira menos envolvida.

Na faculdade, as aulas serviram como uma bela experiência. Ouvir os relatos dos colegas só solidificaram minhas ideias de como funciona a EJA nas escolas do município. Os textos utilizados na disciplina serviram como caminho para a introdução do tema que escolhi para a monografia. Porém, posso afirmar, sem nenhuma dúvida, que foi a experiência na extensão universitária a grande inspiração para esse trabalho monográfico. E foi essa experiência que me proporcionou observar a EJA com outros olhos, procurando buscar mais e mais conhecimentos sobre a modalidade e incentivando os colegas a que também entrassem nesse mundo tão cheio de especificidades e aprendizagem.

Hoje, refletindo sobre o que vivi em sala de aula como alfabetizadora, me indago sobre o quanto a questão da amorosidade defendida por Freire (1996) é importante para o aprendizado dos alunos da EJA. Aliado a isso, identifico também como as relações

afetivas fortalecem a sala de aula como espaço de socialização, possibilitando a construção de identidade e pertencimento.

Essas constatações levam-nos a defender o pressuposto de que a relação afetiva entre educador e educando traz uma perspectiva de uma melhor qualidade do trabalho no chão da escola. Um educador que pensa e reflete sobre suas práticas tem mais possibilidade de encontrar subsídios que envolvam e mantenham a presença de seus educandos. E quanto mais próximo estiver da vida do educando, mais o educador ganhará a confiança e a certeza de que seu aluno irá frequentar a escola. Daí a necessidade desse educador não estar neutro às situações cotidianas de seus alunos. Gadotti (1995, p. 87) salienta que:

Educar nessa sociedade é tarefa de partido, isto é, não educa para a mudança aquele que ignora o momento em que vive, aquele que pensa estar alheio ao conflito que o cerca. É tarefa de partido porque não é possível ao educador permanecer neutro: ou educa a favor dos privilégios ou contra eles, ou a favor das classes dominadas ou contra elas. Estar ciente das dificuldades de seus alunos é o que transforma a relação.

E é o que permite uma prática construtiva e benéfica para ambos os envolvidos no processo. Para Freire (1997) é o que poderíamos chamar de “escola possível”, onde o educador, em suas práticas pedagógicas, consegue atingir seus objetivos na busca da aprendizagem de seus alunos. Aprendizagem que vá além dos muros da escola e que mostre o quanto autônomos esses sujeitos podem ser. Mas lembrando que ser amoroso não é ser conivente, não é “passar a mão na cabeça do aluno”. Lidar com a amorosidade é ter carinho e, principalmente, respeito pela história de vida desse sujeito que, muitas vezes, só encontra na figura do educador um alicerce, um amigo, o que reforça a imagem do professor como alguém que sabe muito e pode “RESOLVER” os problemas por ser detentor do conhecimento da academia.

Quantas vezes, durante a minha passagem na turma de extensão, me peguei refletindo sobre algumas situações que meus alunos me contavam. Confesso que a insegurança e o medo de não conseguir ajudar, muitas vezes, me deixava sem palavras. Acredito que ser professor é isto: saber ouvir e falar no momento certo, caminhando junto com as perspectivas que esse aluno, excluído das salas de aula em outros momentos, leva para sala de aula. Por isso a necessidade de muito estudo e atualização constante, tendo a

consciência de ser o alicerce direto que mobiliza e mediatiza a construção do conhecimento dentro da escola. Freire nos afirma que:

Nossa tarefa não se esgota no ensino da matemática, da geografia, da sintaxe, da história. Implicando a seriedade e a competência com que ensinamos a matemática, a geografia, a sintaxe e a história nossa tarefa exige de nós o nosso compromisso, o nosso engajamento em favor da superação das injustiças sociais. *(Freire, 2016, p.141)*

É necessário dar ao professor subsídios para uma formação permanente, que contribua para que esse profissional também se aproprie do seu fazer pedagógico, de maneira a contribuir para evolução e autonomia de seus alunos. A profissão docente é uma das mais antigas do mundo, mas enfrenta novos e inesperados desafios. São muitas pessoas opinando na área da educação, que nem sequer possuem formação para isso. Penso que se as políticas públicas voltadas para educação fossem pensadas por nós, profissionais que estamos dentro das salas de aula, vivendo os problemas cotidianos, teríamos mais êxito com nossos educandos. Pois, é o professor quem mais tem possibilidade de se aproximar da realidade de seus alunos. Ninguém melhor do que ele para pensar meios que aperfeiçoem as condições de ensino em nosso país. Evangelista (2007) destaca que:

O professor é obrigado a desenvolver um senso de sobrevivência que, não raro, o transforma em um sujeito competitivo que investe suas energias na tentativa de superar a solidão, a culpa, o fracasso, a impotência, a incompetência, as incertezas. Nessa seara, a lógica da produtividade encontra respaldo dando lugar à ideia de que bons resultados escolares independem da qualidade da formação e dos salários dos professores da educação básica. *(Evangelista, 2007, p.536)*

Assim, faz-se necessário, por parte do professor, maior apropriação e clareza do seu fazer pedagógico, pois muitas vezes o trabalho docente acaba sendo tratado como mera reprodução e peça de uma engrenagem, que se movimenta a partir da corrida pela competitividade. Somente dessa maneira, a consciência do fazer pedagógico possibilita a busca constante de melhor formação e o cuidado de não tomar para si a culpabilidade das vitórias ou fracassos obtidos na trajetória de seus alunos.

3.1. Entrevistas com docentes da EJA

[...] é que não existe ensinar sem aprender e com isto quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para aprender o ensinando-se, sem que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos [...]

(Paulo Freire)

Neste subcapítulo, relataremos algumas experiências profissionais e de vida, obtidas por meio de entrevistas realizadas com cinco professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos e que participam do Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica em EJA da UFRJ. Nessas buscou-se traçar um diálogo com os teóricos destacados no início desta pesquisa. Confesso que estar na posição de entrevistadora não é uma tarefa muito tranquila, pois muitos professores se sentem um pouco desconfortáveis ou até mesmo sendo julgados e avaliados. Mas minha intenção era apenas entender e tentar entrar na realidade desses educadores.

A escolha pela entrevista, utilizando um roteiro semiestruturado, se deu pela vontade de compreender as questões relativas à formação desses professores. E também por acreditar que as respostas possam contribuir para a melhoria das práticas utilizadas por docentes nas turmas da Educação de Jovens e Adultos, dos que nelas já atuam e de outros que ainda atuarão na modalidade.

Como já dito, as entrevistas foram realizadas com cinco professores atuantes na rede municipal do Rio de Janeiro. Vamos identificá-los com nomes fictícios com a finalidade de preservar a identidade deles. Procuramos manter exatamente a variedade linguística utilizada pelos entrevistados, para que possamos compreender da melhor forma as opiniões pessoais de cada um deles.

Quanto ao perfil dos professores, todos os entrevistados estão na faixa etária entre 35 a 45 anos de idade, atuando há mais que cinco anos na modalidade e atualmente estão em turmas de primeiro segmento do Ensino Fundamental. Entre os entrevistados estavam quatro mulheres e apenas um homem. Três dos docentes têm formação em pedagogia; outro em história, mas atuando atualmente em uma turma de PEJA II; e, por

fim, um com formação em Letras com especialização em psicopedagogia. É importante destacar que, devido ao tempo hábil para entrega desta monografia, não foi possível a realização de entrevistas com mais educadores participantes do curso de especialização.

Durante a análise das respostas identificamos falas muito significativas, quanto à importância da formação para atuação na EJA. Falas que refletem muito dos ensinamentos de Freire, principalmente quanto ao foco na dialogicidade e a necessidade de incentivo à autonomia dos sujeitos dessa modalidade. Através das entrevistas tivemos a oportunidade de ouvir depoimentos do engajamento e militância para construção de uma educação libertadora para jovens e adultos, respeitando sentimentos e estimulando o fortalecimento de identidade e pertencimento. Os entrevistados têm a consciência de que não proporcionam apenas a esses sujeitos o direito de ler e escrever, mas também o direito de construir seu futuro com dignidade. Mesmo sendo pessoas diferentes, suas falas se encontram e demonstram a importância de ser um multiplicador, de mostrar a seus educandos o quanto podem pensar criticamente. Podemos constatar como suas falas dialogam com Barreto & Barreto:

[...] é possível perceber o equívoco dos alunos quando esperam por um professor que coloque o conhecimento dentro deles. Professor algum tem tal poder, pelo simples fato de que conhecimento como produto de relações não se transmite. O professor pode e deve transmitir informações, desafiar e estimular os alunos no estabelecimento das relações. Mas a produção do conhecimento é exclusiva dos que realizaram esse trabalho. E esse exercício de pensar, isto é, de estabelecer relações não se restringe ao que é dito pelo professor. Pode acontecer e acontece a todo momento, inclusive a partir do que é dito pelos colegas. Assim, ao imaginar como perda de tempo a fala de seus colegas, o aluno está, na verdade, desperdiçando valiosas oportunidades de conhecer. (BARRETO, 2005, p. 66).

Em suas falas, os professores entrevistados expressam o sentimento de comprometimento com o desenvolvimento de seus alunos, pois se sentem responsáveis pelos mesmos. Relatam ainda as dificuldades que encontram para o trabalho na modalidade:

Educar é tarefa de quem quer não mudar o mundo, mas sim transformar o mundo de uma pessoa (professora Alice).

O aluno da EJA “não tem tempo para perder”. É um sentimento recorrente. A educação tradicional não alcança as necessidades que os levaram a buscar o retorno. Ascensão social por meio da ascensão na escola em consequência no mundo do trabalho. (professora Carla)

Muitas vezes a própria escola nos oferece dificuldades para o trabalho na modalidade, devida à falta de estrutura adequada, criando regras que excluem e não permitem a nossos alunos se sentirem pertencentes da escola. O material utilizado muito precarizado e a falta do tempo para planejamento dos professores. (professora Antônia)

Um dos maiores problemas enfrentados, que nós professores das turmas da EJA enfrentamos cotidianamente, é a questão do analfabetismo funcional. Muitos estudantes da modalidade chegam semialfabetizados, ou seja, leem, mas não conseguem compreender o que estão lendo. Outro desafio são os alunos da inclusão, que enfrentam dificuldades de se inserir em turmas com diferenças significativas. (professora Paula)

É possível identificar a preocupação com o aluno e a crença no poder formativo da educação para transformar os homens e, conseqüentemente, o mundo. Fica claro que o sentimento acaba sendo uma das principais formas de permanência dos alunos na escola. Um professor que afeta seus alunos, da mesma maneira é afetado. Essa contrapartida é um importante elemento para um trabalho voltado para esses sujeitos.

Observei também nas falas, como, por exemplo, na da professora Alice, a reflexão sobre o fazer docente, que traz marcas da experiência e mostra como o próprio trabalho se constitui como forma de construção de novos saberes/fazeres. Ao falar das marcas do trabalho, Tardif diz que “o saber do professor traz em si mesmo marcas do seu trabalho, que ele não é somente utilizado como um meio de trabalho, mas é produzido e modelado no e pelo trabalho (TARDIF, 2002 p. 17). Indagada sobre as principais dificuldades enfrentadas no trabalho com a EJA, a professora diz:

Realizando a relação com os saberes dos educandos, sabendo escutar, tentando conhecer o educando a partir de sua realidade, educar, ensinar, aprender aprendendo, contagiar, afetar numa relação de afetividade e confiança. Provocando as necessidades desses educandos de aprender. (professora Alice)

Em seu trabalho, muitas vezes realizado de forma solitária e individualizada, o professor torna-se peça fundamental, principal ponto de referência para seus alunos. Mas na tentativa de sair do isolamento, os professores afirmam que buscam dentro da especialização fôlego para mudanças que tragam benefícios para seus alunos que já foram excluídos das classes regulares no passado.

A ordem de entrevistas se deu de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, pois estavam em dia de aula no curso. Como dito anteriormente, utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade dos profissionais entrevistados. Apresentamos abaixo trechos das entrevistas com os professores relatando suas práticas e pensamentos sobre o que podem fazer para permanência de seus alunos e as análises feitas pela pesquisadora.

3.2- Os docentes

A primeira professora entrevistada foi Carla de 50 anos. Carioca formada em pedagogia pela UERJ, ela atua há aproximadamente seis anos em turmas da EJA. Conta que não teve uma formação específica para atuar em turmas da EJA. Ainda assim solicitou a ida para modalidade porque buscava novos desafios. Identificou-se com o trabalho na EJA.

O tempo na escola regular me levou a pensar num trabalho “em mão invertida”. O pai, a mãe, o aluno. Porque muitos pais são analfabetos e colocam seus filhos na escola para que obtenham um futuro mais promissor que o deles, isso me levou a querer estar nesse universo e nele adiro conhecimento a cada dia. (professora Carla)

A fala de Carla nos aponta a reflexão que realizou sobre sua experiência como professora e os movimentos que fez para encontrar formas de intervenção que acreditava serem mais efetivas. Mostra também a busca de novos desafios e que o engajamento e a militância vêm conseguindo mais adeptos, pessoas que acreditam sim na importância de uma EJA com qualidade, com mais oportunidades para aqueles que não concluíram o processo de escolarização na infância. Como destaca Freire (1997, p. 9) “[...] O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil.”

A segunda professora que teve a oportunidade de entrevistar foi Alice, 45 anos formada em letras, com especialização em Psicopedagogia pela PUCRS. É uma professora muito espontânea e aberta ao diálogo. Em sua fala, mostra seu engajamento e a maneira como concebe o papel da educação.

Primeiramente gostar e ser encantado pela EJA é entender que a educação não apenas transforma a realidade de nossos educandos. A partir disso as pessoas transformam e mudam não apenas suas vidas, mas também o mundo e as pessoas que estão ao seu redor, tendo como ensinamentos o grande mestre Paulo Freire com suas obras, *Pedagogia da Esperança*, *Autonomia*, *Pedagogia do Oprimido* e demais obras com tantos ensinamentos. (professora Alice)

A fala da professora Alice demonstra a crença no poder de transformação que a educação pode promover na sociedade. Destaca também a importância do comprometimento do profissional da educação com o seu fazer pedagógico, citando Freire e suas obras como fonte de inspiração.

Ao entrevistar a professora Paula, de 42 anos, formada em Pedagogia, perguntei o que a levou a trabalhar na EJA. Em sua resposta foi possível perceber a emoção ao falar de sua trajetória. Sua inserção na modalidade, contudo, se deu a partir de uma necessidade de acomodação de horários, como muitas vezes ouvimos nos relatos de diferentes professores.

Minha trajetória na EJA começou inicialmente para acomodar a 2º matrícula na SME/RJ. Apesar do estranhamento inicial, o encantamento surgiu a seguir. Foi como amor à primeira vista. Atuo há mais de seis anos como alfabetizadora de adultos e idosos. Esta experiência me proporcionou comungar os conhecimentos adquiridos, ao longo destes meus 27 anos de magistério, com as ideologias que me movem quando penso na atuação com a EJA. E a EJA está formada por sujeitos de direito, direitos negados historicamente por motivos diversos. (professora Paula)

A fala da professora traz com clareza o entendimento da EJA como um direito. E esse entendimento, muitas vezes, vai refletir nas diferentes práticas educativas desenvolvidas em sala de aula. Quando os professores foram indagados se acreditam que as práticas utilizadas em sala de aula influenciam na permanência de seus alunos, obtivemos as seguintes respostas:

As práticas pedagógicas apresentam um referencial teórico significativo e relevante. Nesse aspecto exercem influência no processo de escolarização. No entanto, no aspecto estimular e

provocar o interesse, a necessidade do educador da EJA ainda precisa evoluir no sentido de “AFETAR” esse educando com suas particularidades e especificidades. (professora Carla)

Acredito que minha atuação visa à valorização, à formação e ao processo de escolarização de forma crítica. Desta maneira, da mesma forma que afeto, acabo sendo afetada por esses sujeitos. (professora Paula)

A escola deve oferecer aos professores formas, para que se realizem práticas mais atraentes, projetos pensando com e para o sujeito, que muitas vezes enfrenta uma verdadeira maratona para estar frequentando as aulas. (professor Thiago)

As distintas falas apresentam um movimento dos professores de olhar para os alunos enquanto sujeitos do processo de aprendizagem. A afetividade também se encontra presente e a busca de construção de práticas educativas mais atraentes. As falas mostram uma preocupação com os alunos, ressaltando a dificuldade que muitos enfrentam para conseguir permanecer no processo de escolarização.

Por outro lado, durante a entrevista, os professores relataram suas dificuldades de ter acesso a uma formação voltada para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos e o quanto suas experiências eram poucas quando iniciaram sua trajetória na modalidade. No decorrer da entrevista, podemos observar falas marcadas pelo sentimento que tudo pode e deve melhorar visando os educandos. Todos os entrevistados possuem visões semelhantes, quando perguntados sobre as condições e as dificuldades enfrentadas, cotidianamente, por seus educandos. Os docentes enfrentam particularidades na profissão, mas acreditam na atualização de suas práticas educativas, por isso buscam uma formação constante.

Precisamos entrar dentro do cotidiano de nossos alunos, realizar levantamento do que é ou não interessante para eles. Escutar as opiniões admitindo que na sala existem seres completamente diferentes. Precisamos deixar nossos alunos “ESCOLHEREM O QUE ESTUDAR”. (professora Carla)

Realizando a relação com os saberes dos educandos, sabendo escutar, tentando conhecer o educando a partir de sua realidade, educar, ensinar, aprender aprendendo, contagiar, afetar numa relação de afetividade e confiança. Provocando as necessidades desses educandos de aprender. (professora Alice)

Pensar no aluno em primeiro lugar, suas limitações. Pensar na realidade de seus alunos, em práticas incentivadoras, partindo do contexto vivenciado cotidianamente. Temos muito jovens nas turmas. É necessário um planejamento que envolva todos os grupos que participam da turma. É possível sim transformar as pessoas através da EJA. É através dela que podemos construir cidadãos críticos que pensam e reagem as injustiças cotidianas. (professor Thiago)

Nas entrevistas (ver anexo), transparecem o desejo e a busca dos professores em melhorar a cada dia. Eles demonstram sua sensibilidade e força de vontade, quando indagados sobre o que os levou a trabalhar na Educação de Jovens e Adultos. São docentes que, mesmo com todas as dificuldades, buscam evoluir e especializar-se para atuar na modalidade. É importante destacar que o curso de especialização que fazem na UFRJ não acontece durante seu horário de trabalho, mas aos sábados, durante todo o dia, no período de um ano. O que exige dos professores um esforço grande para concluir o curso.

Os entrevistados mostraram não só um compromisso com seu fazer pedagógico, como também expressaram seus sentimentos quanto à necessidade de iniciativas que coloquem a EJA em uma posição de visibilidade, onde os sujeitos que a compõe não sofram pré-julgamentos ou preconceitos por parte da sociedade. Demonstraram também querer uma EJA pensada e refletida para os seus sujeitos de direito, menos marginalizada mesmo com todo reconhecimento das leis.

Antônia, outra professora entrevistada, fala que procurou a especialização, porque necessitava de subsídios para ampliação de práticas e maneiras de lidar com as especificidades que veem se modificando a cada novo ciclo na modalidade. Essa é uma fala recorrente em todos os participantes da entrevista.

Busquei a especialização, pois acredito que para uma boa prática com os alunos é necessário ao educador estar sempre se especializando e buscando os devidos subsídios para uma autoformação. E em minha formação inicial, tive pouco contanto com a EJA e a cada nova turma novos são os desafios encontrados. (professora Antônia)

Os entrevistados entendem que sua docência não se resume à transmissão de conhecimento, mais sim ao ensinar e aprender no seu cotidiano. Tardif (2002) aponta que o saber do professor é “profundamente social” e é, ao mesmo tempo, o saber dos atores individuais que o possuem e o incorporam à sua prática profissional para a ela adaptado e para transformá-lo. Refletindo a partir da fala de Tardif (2002), é possível afirmar que esse saber não é constituído apenas na academia. Ele é também um saber que vai se construindo e modificando através das experiências vivenciadas por esses profissionais em seu cotidiano.

Os entrevistados já possuem uma trajetória na EJA. Transmitem segurança e força de vontade de construir cada vez mais uma EJA justa, que ofereça condições de permanência para seus educandos. Refletem em suas falas a esperança e a busca para melhorar suas práticas a cada dia, entendendo que a prática precisa ser revista a cada nova experiência e que cada educando é especial. Todos eles procuram trabalhar por uma Educação de Jovens e Adultos que não seja depósito de alunos, mas um local de construção de identidades e autonomia.

Considerações Finais

O objetivo inicial desta monografia era discutir o papel do docente na permanência dos alunos nas turmas da EJA. Através dela foi possível concluir que o docente contribui diretamente para a inclusão dos alunos, mas também não é o principal responsável pela exclusão. Existem diferentes motivos e circunstâncias que afastam esses alunos das salas de aula. No presente trabalho pude também ter a certeza que o professor é sim o responsável por suas decisões. E que, apesar de inúmeras imposições da gestão escolar, é possível construir uma aula dialógica e motivadora para seus educandos.

Acreditamos que cada professor é protagonista de sua prática dentro de sala na escola, e diretamente responsável pelas escolhas que realiza dentro das mesmas. Os pontos destacados durante a construção desta monografia foram essenciais para uma reflexão sobre qual é papel dos professores e o quanto sua formação pode interferir em seu trabalho docente. Constatamos também no presente trabalho o quanto as práticas interativas são essenciais para a permanência dos alunos.

Nas falas dos professores entrevistados foi possível perceber uma autonomia própria, com a qual buscam uma formação continuada para evoluírem em suas práticas. Ao longo da pesquisa e a partir dos referenciais teóricos compreendemos que o processo de ensino e aprendizagem é composto pelo ato de ensinar e de aprender. É por isso mesmo um processo em uma via de mão dupla, em que o educador deve buscar meios e subsídios para se tornar um facilitador para seus educandos. Assim entendemos que o diálogo em sala de aula transforma não apenas a vida dos educandos, mas também as dos educadores. E que só a formação continuada proporciona ao docente a possibilidade de avançar e de mobilizar-se em prol de uma EJA emancipatória, que ofereça oportunidades de crescimento para os sujeitos que a compõe.

Quando nos colocamos no lugar de atuantes da modalidade, compreendemos o quanto é importante uma boa formação. Também entendemos que ser um “bom professor” não se trata apenas de ter o nome de uma boa universidade no currículo. Ser um bom professor é ser dialógico, libertador e construtor, não apenas de sonhos, mas também de realidades, trabalhando em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao longo desta monografia tivemos a grata possibilidade de realizar leituras, que foram essenciais para construção da mesma. As entrevistas só reafirmaram os

sentimentos que trazíamos referentes à modalidade. Pudemos perceber que já existem muitos estudos sobre a formação de professores para modalidade, assim como estudos sobre os sujeitos que há constituem e isso é muito importante para evolução da modalidade. É possível perceber que os espaços para discussão vêm aumentando e que os professores têm adquirido mais conhecimentos em relação aos problemas que a modalidade ainda enfrenta.

Valorizar as experiências vivenciadas faz com que professores em formação realizem exercícios constantes de reflexão-ação. Ouvir nossos colegas atuantes na profissão nos incentiva e motiva na construção de docentes dialógicos e reflexivos. Somos resultado das práticas que vivenciamos durante todo o processo de formação dentro da academia. Quando temos a possibilidade de ir além dos muros da universidade, iniciamos um processo de construção não apenas profissional, mas também pessoal. Isso reflete diretamente no docente que seremos. Nessa perspectiva, a extensão universitária foi o grande alicerce para minha formação. Foi onde me modifiquei e abri meu olhar para além da educação das crianças. Pude também perceber o quanto difícil é ser professor em nosso país, pois além de “matar um leão” por dia, é necessário buscar fôlego em outros espaços, através diferentes mecanismos.

Ser professor no Brasil é mais que um ato de amor. Ser professor é ter compromisso, estar engajado, motivado, lutando por uma educação para todos, independente de raça, religião ou condição social. Dar oportunidade de emancipação e autonomia a sujeitos que, por diversas situações, foram excluídos, transformando a Educação de Jovens e Adultos não apenas em uma reparação, mas em uma porta para a criação de sujeitos críticos, que não sirvam como bonecos de manipulação. Aprender, engajar, lutar por aqueles que não tiveram oportunidades, ter respeito e reconhecer que esses sujeitos são parte de sua formação. Ensinar a partir das trocas de experiências e entender que não existe prática sem teoria, nem tampouco teoria sem prática. Ambas caminham juntas, fazendo-se necessária a consonância de uma com a outra.

Para os professores que participaram da pesquisa, as práticas pedagógicas podem, quando voltadas para o cotidiano vivenciado pelos alunos, contribuir e auxiliar para que estes pensem, dialoguem e construam conhecimentos. O objetivo é tornar a escola um ambiente que acolha e incentive os alunos. Assim a permanência é incentivada e mantida, e eles passam a entender que estão ali para aprender. Mas também descobrem

que, ao mesmo tempo, podem também contribuir para uma aula mais dinâmica e menos conservadora, indo além do “IVO VIU A UVA”. Freire foi para os entrevistados a base de estudos e reflexões. Todos em suas falas citam o mestre como fonte de inspiração para suas práticas.

Obviamente, reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamental. Até algo mais: indispensável à vida social (FREIRE 2006, p. 150). A formação pedagógica do professor vai ao encontro desse reconhecimento com a prática utilizada em sua sala de aula. Os professores que entrevistei afirmaram que só através da formação continuada conseguem obter mecanismos de ampliação dos conhecimentos docentes, tendo a possibilidade de dialogar com as experiências que os outros professores apresentam durante a formação. Tive confirmadas em suas falas as minhas suposições, principalmente as relativas às necessidades de iniciativas para uma maior visibilidade da formação para modalidade dentro da graduação em pedagogia. É preciso oferecer aos alunos que estão nesse processo inicial de formação mais possibilidades de contato com a Educação de Jovens e Adultos.

Assumindo o compromisso, o professor, cuja formação o impulsionou para uma prática pedagógica mais atenta às especificidades de seus alunos - suas culturas, opiniões, entre outras particularidades - conseguirá com mais facilidade trabalhar as dificuldades apresentadas por seus educandos.

Desta forma, posso concluir que uma boa formação de professores é fundamental para a construção de docentes qualificados, engajados em um compromisso crítico, ético e ao mesmo tempo político. Professores que militam em favor de uma causa não individual, mas de uma transformação da sociedade. Para Freire (2006) “Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento [...]”. Nesse sentido, acreditamos que a formação docente e a prática pedagógica do professor contribuem diretamente para a permanência ou abandono dos alunos da EJA.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, E. R. *Os jovens da EJA e a EJA dos jovens*. In: OLIVEIRA, I. B.de; PAIVA, J. (Org.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 43- 54.

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Formar educadoras e educadores de jovens e adultos*. In: SOARES, Leôncio (Org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica / SECAD-MEC / UNESCO, 2011.

BARRETO, Vera; BARRETO, José Carlos. *A sala de aula como um espaço de vivência e aprendizagem*. Brasília: 2006.

_____ *Um sonho que não serve ao sonhador. Sua Construção coletiva: contribuições á Educação de Jovens e Adultos*. Departamento de Educação de Jovens e Adultos, SECAD, UNESCO e RAAAB (Org.) Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.362p. (coleção Educação para todos; 3) p.63-68. www.mec.gov.br

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. ras lia, out. 1. Educação Nacional.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 11/2000. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA) / Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a definição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. *Educação e Sociedade*, Campinas, número especial, v.26, out. 2005.

EVANGELISTA, Olinda e SHIROMA, E. Oto. Professor protagonista e obstáculos da reforma. In: *Educação e pesquisa*, São Paulo, v.33, n3, p.531-541, set./ dez. 2007

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'água, 2016.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 42 eds. São Paulo. Cortez, 1992. (Coleção Questões da nossa época)

GADOTTI, Moacir. *Um legado de esperança*. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2006

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e DI PIERRO, Maria Clara. Vivendo o Preconceito e a condição de analfabeto. In: *Preconceito Contra o Analfabeto*. São Paulo: Cortez, 2007.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. *Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos: consolidação de Documentos 1985/94*. São Paulo, 2007

IBGE, 2016. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao território nacional, fornecidos em meio eletrônico. Disponível em. Acesso em: 02 nov 2017

OLIVEIRA, Marta Kohl de; jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem; trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro de 2008.

MACHADO, M. M. *A prática e a formação de professores na EJA: uma análise de dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1998*. In: Reunião anual da ANPED, 23, 2000, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, 2000. (Edição eletrônica)

MACHADO, Maria Margarida. Formação de professores para EJA: Uma perspectiva de mudança. In: *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v.2, n.2-3, p. 161-174, jan./dez. 2008

MOURA, Ana Paula de Abreu. Construção da identidade do docente da Educação de Jovens e Adultos: contribuições da prática de ensino e da extensão universitária in MOURA, Ana Paula Abreu & SERRA, Enio (orgs). *Educação de Jovens e Adultos em debate*, Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

_____. Formação de Alfabetizadores: uma experiência do Programa de Alfabetização da UFRJ para Jovens e Adultos de Espaços Populares In SILVEIRA, Maria Lúcia Souza (org.) *Educação Popular e Leituras do Mundo: distintos registros de*

experimentos educativos junto às classes populares. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão, 2007.

MOURA, T. M. de M. *A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky*. Maceió: EDUFAL/INEP, 1999.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M. do S.L. *Estágio e docência*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011. (“Coleção docência em formação. Serie Saberes pedagógicos”).

_____ Formação de professores: identidades e saberes na docência. In: __ *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999. P.15-34

RUMMERT, Sonia M. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. In: _____. *Gramsci, trabalho e educação: jovens pouco escolarizados no Brasil atual*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007. (Cadernos Sísifo: 4).

SOARES, Leôncio José Gomes. *As especificidades na formação do educador de jovens e adultos: um estudo sobre propostas de EJA*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.27, n.2, p.303-322, ago. 2011.

SOARES, Leôncio José Gomes * Ana Paula Ferreira Pedroso - *Formação de educadores na Educação de Jovens e Adultos (EJA): alinhando contextos e tecendo possibilidades*. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. (2008)

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e Formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002

UNESCO. *Declaração de Hamburgo*, Alemanha, 1997

www.todospelaeducacao.org.br

ANEXO

ROTEIRO SEMIESTRURADO DA ENTREVISTA

Caros professores:

Estou realizando uma pesquisa para monografia como requisito da graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Solicito sua colaboração respondendo às questões abaixo. Nele você encontrará sete questões, que requerem respostas objetivas e dissertativas. Informo ainda que os dados coletados serão incluídos em meu trabalho acadêmico e sua identidade não será revelada. O trabalho apresenta o seguinte tema: **Formação de professores em EJA: a importância desses profissionais na permanência dos alunos nos ambientes escolares**. Desde já, agradeço sua valiosa contribuição e coloco-me à disposição para quaisquer dúvidas.

1) Há quantos anos trabalha na EJA?

de 1 a 5 anos

de 5 a 10 anos

de 10 a mais

2) O que o fez trabalhar na EJA? Você gosta de trabalhar em EJA?

3) Você teve ou tem alguma formação específica, seja ela na formação inicial ou continuada para atuar com Educação de Jovens e Adultos?

4) Você acha que as práticas pedagógicas utilizadas influenciam na permanência de seus alunos no processo de escolarização?

Por quê?

5) Você sente dificuldades de trabalhar na EJA ?

6) Caso tenha respondido “sim” ou “às vezes”, quais foram as principais dificuldades encontradas?

7) Que elementos você considera essenciais para que os alunos da EJA consigam atingir seus objetivos e permanecerem na escola?